

O “RESGATE DOS BEAGLES”: UM EMBATE ENTRE AFETO E CIÊNCIA NO CENÁRIO MIDIÁTICO

The “rescue of beagles”: a clash between affection and science in the media scene

El “rescate de los beagles”: un embate entre afecto y ciencia en el escenario mediático

DENISE TAVARES

Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e da Pós-Graduação Mídia e Cotidiano da mesma universidade. Coordenadora do grupo de pesquisa MULTIS – Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia.
E-mail: denisetavares51@gmail.com

WILLIAN DANTAS

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano do IACS-UFF e integrante do grupo de pesquisa MULTIS – Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia.
E-mail: willian.dantas@gmail.com

Resumo

O artigo aborda a repercussão do “resgate dos beagles”, acontecimento que mobilizou diversos estratos sociais no universo web, posicionados sobre as invasões e consequente fechamento da unidade paulista do Instituto Royal (São Roque, SP), em 2013. A proposta é discutir, a partir de publicações em mídias sociais e notícias do portal G1, os motivos que ocasionaram a polêmica, tais como o embate entre a comunidade científica e a sociedade e, também, as relações de afeto entre homens e cães domésticos.

Palavras-chave: Mídias Sociais, Ativismo, Experimentação Animal, Sociedade Civil, Jornalismo

Abstract

The article draw the attention to the repercussion of the here called “rescue of beagles,” which mobilized various social stratum in the web universe on the invasions and consequent closure of the paulista unit of the Royal Institute in 2013. We will discuss the causes of this controversy, the clash between the scientific community and society, as well as the affective relationships between men and domestic dogs, from social media site publications and news from the online newspaper G1.

Keywords: Social Media. Activism. Animal Experimentation. Civil Society. Journalism.

Resumen

El artículo atrae la atención a la repercusión del aquí llamado “rescate de beagles”, que movilizó diversos estratos sociales en el universo web sobre las invasiones y consecuente cierre de la unidad paulista del Royal Instituto en 2013. Discutiremos las causas de esta controversia, el embate entre la comunidad científica y la sociedad, así como las relaciones afectivas entre hombres y perros domésticos, de las publicaciones de los sitios del redes sociales y las noticias del periódico on-line G1.

Palabras clave: Redes Sociales. Activismo. Experimentación in Vivo. Sociedad Civil. Periodismo.

Introdução

Já faz algum tempo na sociedade ocidental contemporânea que os *pets* assumiram um lugar de destaque nas relações familiares. Muitas vezes o cachorro – gato ou outro espécime – é valorizado a ponto de ser integrado como um membro da família. No Brasil, por exemplo, os cachorros domésticos representam uma população estimada em 52,2 milhões e estão à frente do número de crianças de até 14 anos nas casas dos brasileiros¹. Esses dados se alinham com diversos autores (Thomas, 2010; Demello, 2012; Giorgi, 2016) que apontam o antropomorfismo animal e o antropocentrismo como alicerces do relacionamento entre humanos e seus animais de estimação, sendo que o primeiro conceito remete à ideia de atribuir características e aspectos humanizados aos bichos. Já o segundo presume que os *pets* são empregados como recursos para suprirem demandas humanas de carências e experiências, ao proporcionarem momentos de companhia e servirem como guardiões, entre outras práticas que fazem estes animais ocuparem o posto de melhores amigos do homem. Os filósofos Deleuze e Guatarri (1997, p.17) chamam de “devir animal” esta suposta identificação que pode vir a ser encontrada no afeto entre os seres humanos e os demais animais e que, segundo eles, é baseada na proximidade e na diferença.

Considerando, portanto, este contexto, a discussão que se pretende propor neste artigo foca o episódio que envolveu invasões e consequente fechamento da unidade do Instituto Royal, em São Roque (SP), entre os meses de outubro e novembro de 2013. Tal percurso renovou, entre outros desdobramentos, o debate nacional sobre o uso de espécies animais em pesquisas científicas². E, também, explicitou uma mobilização e repercussão via redes sociais e mídia a partir de uma causa bem delineada: a liberação de animais mantidos como cobaias. Posição que ganhou visibilidade e adeptos

na realidade das ruas e no espaço virtual, trazendo à tona a relação tensa em torno do uso de animais em pesquisas científica e ecoando Castells quando este discute a formação de movimentos sociais, indicando que experiências semelhantes compartilhadas facilitam a comunicação e consequente união de pessoas, sendo que estas “superam o medo pela expressão suprema da raiva, sob a forma de indignação, ao tomarem conhecimento de um evento insuportável ocorrido com alguém com quem se identificam” (2013, p.23).

Ora, conforme autores como Thomas (2010) e Souza (2015), entre outros, desde o final do século XIX que o uso de animais como cobaias é contestado. Especialmente quando passa a se considerar que os animais não humanos são capazes de sentir prazer ou dor e que os experimentos científicos são procedimentos que produzem sofrimento (Singer, 2010). Condição que é balizada no Brasil principalmente pela Lei Federal Nº 11.794 – também conhecida como Lei Arouca – sancionada em 2008, e que atualizou a forma como devem ser os procedimentos para o uso científico de animais no país. Ou seja, deve-se demonstrar a relevância do experimento para a ciência e a inexistência de métodos alternativos a fim de que o emprego de animais na pesquisa seja permitido³. O aparato legal, no entanto, é questionado por ativistas contrários a qualquer permissão de uso de animais em experimentos, criando um território de conflitos permanentes que, conforme discutiremos aqui, extrapolaram os limites legais expondo, especialmente, como o ativismo da sociedade civil se vale, cada vez mais, das redes sociais o que, por outro lado, também aciona pautas e posicionamentos públicos dos meios tradicionais de comunicação.

Para focar, portanto, este episódio que denominamos “regate dos beagles” acionamos quatro fontes de informações, além da realização de observação direta junto aos sites de redes sociais estudados – principalmente o Facebook –, em especial perfis de personalidades públicas que se posicionaram a respeito do caso e páginas de comunidades criadas em prol desse assunto. Sobre as fontes mencionadas, três são especializadas em monitoramento de conteúdo em mídias sociais e análise de dados digitais: as agências R18 de São

¹ Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em duas pesquisas realizadas no ano de 2013 e divulgadas entre 2014 e 2015: a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) que contabilizou os números dos animais de estimação no Brasil e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que levantou que no mesmo período havia 44,9 milhões de crianças de até 14 anos no país. Mais informações, estão Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/06/brasileiros-tem-52-milhoes-de-caes-e-22-milhoes-de-gatos-aponta-ibge.html>. Acessado em 15 de setembro de 2016

² Resumidamente, o instituto teve 178 cães da raça beagle e sete coelhos empregados como cobaias retirados por um grupo de ativistas em 18 de outubro.

³ No Brasil, a maioria dos experimentos com cobaias é realizada com pequenos roedores e quase nunca desperta qualquer comoção pública. No caso do Royal, eles foram ignorados na primeira invasão que focou apenas cães e coelhos.

Paulo, a *Frog* do Rio de Janeiro e o aplicativo e site *SentiMonitor* do Rio Grande do Sul. Estas três primeiras fontes realizaram pesquisas baseadas no rastreamento de palavras-chave e monitoraram termos relacionados às manifestações do Instituto Royal. Também foram somados a esses levantamentos uma seleção de 32 notícias do *Portal G1*⁴ do estado de São Paulo e Região de Sorocaba e Jundiaí. A escolha deste site como uma fonte de informações se deu principalmente devido à localização dessas redações serem próximas do município de São Roque e pelo volume de conteúdos sobre o episódio aqui analisado.

Vale ressaltar que por se tratar de um assunto que ocasionalmente é revisitado devido aos processos judiciais que decorreram dele, ou como forma de rememorar o episódio que está prestes a fazer quatro anos, procurou-se delimitar o período pesquisado entre conteúdos publicados até um mês antes do ocorrido e um mês após o início do mesmo, ou seja, de 22 de setembro a 21 de novembro de 2013. Assim, criamos uma Linha do Tempo (Figura 1) com dez datas-marcos que reconstituem a cronologia deste episódio e que servirão como condutores da discussão que se pretende desenvolver neste texto.

Cronologia do embate

No dia 22 de setembro, um domingo, conforme assumiram oficialmente, ativistas brasileiros ligados à *Front Liberation Animal* (ALF), organização que se posiciona contra as práticas de experimentação animal, fizeram uma passeata em frente à sede do Instituto Royal, localizada em São Roque, município de São Paulo. Na ocasião, foram acompanhados pela Polícia Militar, mas não houve qualquer confronto neste ato. Após três semanas, no sábado, dia 12 de outubro, uma parte destes ativistas se acorrentou em frente à sede do *Royal* para mais uma vez reclamarem do que diziam ocorrer no Instituto, acusando-o de praticar atos de crueldade em testes de produtos farmacêuticos com cães da raça beagle. Por esse motivo, afirmaram que sairiam do local somente após terem uma

lista de reivindicações atendidas. O que seria discutido, conforme foi acertado entre as partes interessadas com mediação da Prefeitura da cidade, na quinta-feira seguinte, dia 17 de outubro. No entanto, o encontro é cancelado pelo *Royal*, o que leva a Polícia Civil do município a registrar um Boletim de Ocorrência (B.O.) sobre a denúncia de suspeita de maus-tratos aos animais mantidos pela Instituição.

Na mesma quinta-feira, uma mensagem disparada por volta das 14 horas pelo perfil do *Twitter* de um dos ativistas que estava acampado no lado de fora do Instituto, afirma que o *Royal* estava preparando a retirada e sacrifício dos animais. A suspeita foi levantada depois que três vans e um caminhão de pequeno porte entraram no laboratório durante a tarde do dia anterior. O boato leva os manifestantes a cercar o complexo e tentar vistoriar veículos do laboratório. Houve um princípio de confusão porque um dos motoristas da empresa se negou a abrir o carro. O mesmo boato também gerou, no *Facebook*, o evento “Manifestação pela Vida II”, com a finalidade de reunir manifestantes em frente ao Instituto *Royal* no dia seguinte. Foram convidados 78.412 usuários da rede social, sendo que 11.083 aderiram virtualmente. No entanto, antes mesmo do ato, na madrugada da sexta-feira, dia 18 de outubro, um grupo com cerca de 80 pessoas invade o *Royal* e resgata 178 cães e sete coelhos, usados como modelos experimentais, além de também destruir parte do patrimônio do Instituto. Já a “Manifestação II”, convocada pelas redes sociais, não só acontece com cerca de 700 pessoas presentes no local na manhã seguinte, como também gera outro protesto, com queima de automóveis, na rodovia Raposo Tavares (SP). Este terminou em confronto, segundo as versões oficiais e da imprensa, quando militantes *black blocs* se misturaram a ativistas. Na ocasião, três carros, sendo dois da imprensa e um da Polícia Militar (PM), foram queimados e seis pessoas foram detidas. A tropa de choque da capital foi acionada para combater o tumulto e reabrir a rodovia ao tráfego.

Após a invasão e protesto há um intenso debate nas redes sociais e também na imprensa tradicional: de um lado, defensores do uso de animais em prol do avanço da ciência e, de outro, posições veementes contra tal utilização. Já no dia 21 de outubro, por exemplo, o pesquisador e professor Dr. Marcelo Morales, na época presidente do Concea (Conselho Nacional de Controle da Experimentação Animal) participou como convidado do programa de auditório “Encontro

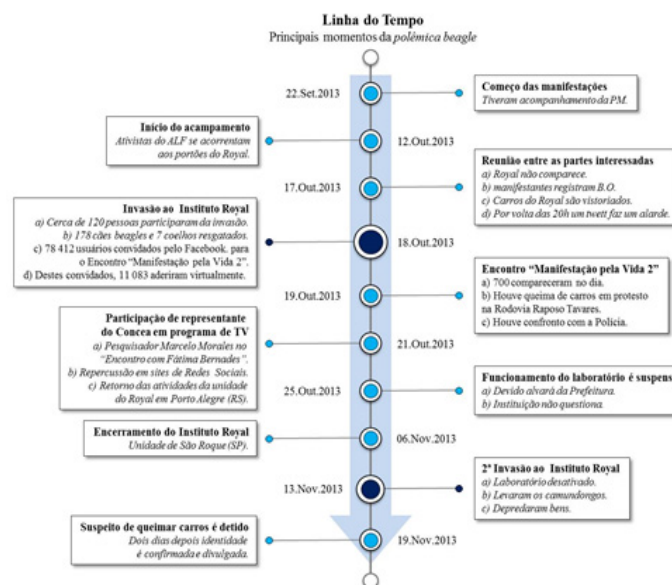
4 O G1 é um portal de notícias brasileiro mantido pelas Organizações Globo e que em 2016 completou 10 anos. Este site disponibiliza o conteúdo de Jornalismo das diversas empresas do Grupo Globo, além de produzir reportagens próprias destacando-se pelo uso de recursos da internet com um conteúdo multimídia em formato de texto, fotos, áudio e vídeo.

com Fátima Bernardes”, da Rede Globo de Televisão, para dar mais esclarecimentos sobre o episódio. Ali, deixou claro, mais uma vez, o posicionamento do estado brasileiro em relação ao tema dos animais utilizados em laboratório: para ele e outros pesquisadores da área da saúde e também representantes do governo federal, os testes clínicos eram necessários para o Royal sendo que este sempre teria agido dentro das normas estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Sua posição logo gerou uma dura reação de pessoas contrárias às práticas das atividades de experimentação animal no país, a ponto de ter sido impedido de manter sua rotina de trabalho normal no laboratório em que atua no Bloco de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quanto aos defensores dos animais, os mesmos procedimentos se configuram como barbárie desnecessária imposta aos bichos, pois podem ocasionar reações adversas à saúde dos animais, tais como vômito, diarreia, perda de coordenação e até convulsões. Além disso, no caso do Instituto Royal, segundo os ativistas, parte dos testes estava relacionada à produção de cosméticos, prática até aquele momento permitida no estado de São Paulo.

Neste cenário polarizado, 19 dias após a invasão, o Instituto Royal faz um comunicado à imprensa anunciando o fim das suas atividades em São Roque⁵. O texto relaciona tal encerramento às drásticas e irreparáveis perdas que o Instituto sofreu com a ação dos ativistas, especialmente a perda dos animais e das pesquisas desenvolvidas nos últimos dez anos. Também indicou que a falta de segurança que colocaria em risco permanente a integridade física e moral dos funcionários. O fechamento do Instituto, no entanto, não impediu uma segunda invasão do Royal em 13 de novembro. Desta vez, os ativistas resgataram cerca de 300 camundongos e ratos de pesquisa que haviam sido deixados lá. Durante a invasão, seguranças foram agredidos e amarrados pelo grupo, além dos manifestantes terem depredados equipamentos, documentos, computadores e veículos encontrados no local. No dia 19 de novembro, um indivíduo suspeito de queimar carros no protesto realizado no dia 19 de outubro

é detido pela polícia e, no dia 21 de novembro este suspeito confessa o crime e sua identidade é confirmada pela polícia e divulgada pela imprensa.

Figura 1: Linha do tempo desenvolvida a partir de levantamento de dados



variados sobre o “resgate dos beagles” entre 22 de setembro a 21 de novembro de 2013.

De toda esta sequência de fatos, vale destacar, para nós, a relação ao *tweet*⁶ que repercutiu rapidamente pela internet em diversos perfis e sites de redes sociais e que ajudou a consolidar um sentimento de indignação entre os demais manifestantes e simpatizantes do protesto contra o Instituto Royal. Ou seja, apesar de ser apenas uma suspeita onde não há qualquer referência de fontes, sua circularidade implica na potencial objetivo do ativismo sociopolítico da internet que pode se manifestar por uma extensa lista de dispositivos móveis, softwares, e-mails, mídias sociais, entre outros recursos que se cristalizam como “espaços vivos que conectam

⁵ O Instituto Royal manteve o funcionamento de um segundo laboratório em Porto Alegre (RS), incubado no campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este segundo laboratório ficou fechado durante três dias após a data da primeira invasão da unidade paulista do Royal, e depois voltou às suas atividades normais.

⁶ Tais tweets representam as mensagens que as pessoas postam em seus perfis do Twitter. A princípio, foi apelidado desse nome devido a um som que os pássaros fazem, podendo ser traduzida verbo “piar” ou o simplesmente, “pio”.

todas as dimensões da vida” (Castells, 2013, p.119). Assim, a partir dessa conexão de dimensões distintas, os movimentos sociais podem se tornar disponíveis para pessoas de qualquer lugar do planeta. E, como Recuero (2009) sinaliza, é por meio de valores que promovem confiança e reciprocidade que as pessoas iniciam movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo. O que torna as redes sociais canais mais permanentes de contato e fonte de informações. O que também impacta – e, ainda, vice-versa – como veremos em seguida, nos canais tradicionais da chamada grande mídia.

Indicadores dos debates e repercussões

É viável suspeitar que uma das possíveis causas da grande repercussão que este caso teve foi devido à cobertura massiva da grande mídia. Apenas no dia 18 de outubro – data da primeira invasão ao Instituto Royal e da soltura dos cães e coelhos –, o Portal G1 – São Paulo e região de Sorocaba e Jundiaí – publicou 13 notícias sobre o caso, sendo que a matéria “Após denúncia de maus-tratos, grupo invade laboratório e leva cães *beagle*”, disponível desde às quatro horas da madrugada, contabilizou, sozinha, 2.868 comentários de internautas⁷. Conforme já colocado, na análise realizada para este texto foram contabilizadas 32 matérias sobre a problemática do *resgate dos beagles* no período de 22 de setembro a 21 de novembro de 2013. Destas publicações, duas foram antes da primeira invasão e tiveram apenas nove comentários. O dia com mais publicações foi o da primeira invasão com 13 publicações e 7.420 comentários, que representam 42% do total de publicações e 56% dos comentários conforme está disponível na Figura 2:

7 Matéria disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/10/ativistas-invadem-e-levam-caes-de-laboratorio-suspeito-de-maus-tratos.html>. Último acesso em 30 de setembro de 2016.

Figura 2: Relação de notícias sobre o resgate dos beagles no site do G1

<i>Data</i>	<i>Publicações</i>	<i>Comentários</i>
22/09/2013	1	0
12/10/2013	1	9
18/10/2013	13	7.420
19/10/2013	3	1.535
24/10/2013	1	5
25/10/2013	1	785
27/10/2013	1	160
28/10/2013	2	1.033
29/10/2013	2	87
06/11/2013	2	1.557
13/11/2013	2	456
14/11/2013	1	234
19/11/2013	1	0
21/11/2013	1	2
<i>Total Geral</i>	<i>32</i>	<i>13.283</i>

Este cenário se complementa com o fato dessa situação ter sido exaustivamente seguida e perpetuada por diversos sites de redes sociais. A página “Adote um animal resgatado do Instituto Royal”, por exemplo, foi criada no *Facebook* também próximo às 4h do dia 18 de outubro e por volta das 14h20 do mesmo dia já possuía mais de 180 mil curtidas (seguidores online). Tal repercussão referenda o que Silverstone (2012, p.25), entre outros autores, destaca, quanto à onipresença da mídia no cotidiano. Ou seja, ao mesmo tempo que ela é o cotidiano, também se projeta como alternativa a ele. Para o autor, é praticamente impossível, hoje, escapar da presença e da representação midiática, um processo que pressupõe vínculos e implica em constante geração de significados e ressignificações. Um situação que se desdobra, inclusive, para o próprio circuito midiático. Por exemplo, na época das invasões do Instituto Royal, duas agências de comunicação especializadas, a *R18* e a *Frog*, bem como o aplicativo e site *SentiMonitor*, monitoraram termos relacionados às manifestações do Royal. Ao final, estas fontes relataram mais de dez mil publicações nos sites *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *YouTube*

que estavam relacionados à repercussão desse caso entre os usuários desses sites.

Os dados levantados por estas agências e sites mencionados foram divulgados em publicações de revistas, como a *Veja*⁸ e inúmeros sites e blogs informativos em outubro de 2013. O site *SentiMonitor* analisou publicações da Internet e sites de Redes Sociais em um período iniciado no dia 18 até a manhã do dia 21 de outubro de 2013. Em seus relatórios apontou que assuntos relacionados ao “resgate dos beagles” estiveram em primeiro lugar no *Trending Topics* do *Twitter* Brasil, que é a relação de assuntos mais comentados neste site. Entre os dados analisados, o *Twitter* teve quase 71% das menções sobre este episódio (Figura 3).

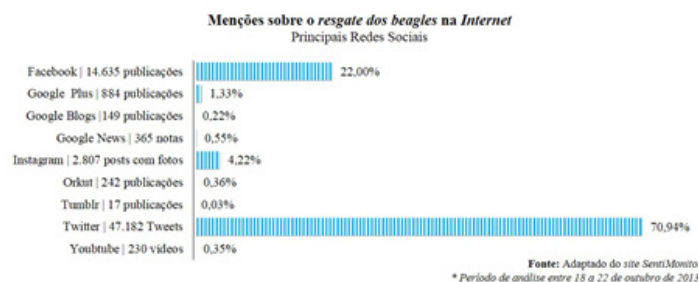


Figura 3: Menções nos sites de redes sociais sobre o caso beagle, no período de 18 a 21 de outubro de 2013.

Sobre esse volume de publicações nas redes sociais, a *Agência R18* relatou que entre os dias 16 e 17 de outubro, a quarta e quinta-feira que antecederam a invasão, houve o dobro de posts feitos no *Twitter* e no *Facebook* sobre o caso. Já na sexta, os posts quadruplicaram em volume nesses mesmos sites. Algumas das *hashtag*⁹ mais populares mostraram apoio aos atos de invasão e de soltura dos cães. No *Twitter*, por exemplo, apenas no dia da invasão o termo “#institutoroyal” foi o mais popular no site brasileiro de 2013: durante sete horas consecutivas houve mais de vinte mil menções aos fatos. Já no site e aplicativo de smartphones, o *Instagram*, foram criadas mais de cinquenta *hashtags* sobre o caso entre os dias

16 e 21 de outubro, com ao menos cem fotos relacionadas a cada uma delas. Por exemplo, a *hashtag* “#salveosbeaglesdilma” levantou três mil publicações a respeito desse assunto na época. Este circuito, em que se pese algumas críticas às previsões de Jenkins (2009) quanto à cultura da convergência, implica, no mínimo, na ideia de que a mídia alimenta mídia muito mais pelo viés das questões culturais sob uma perspectiva antropológica, do que meramente pelas possibilidades tecnológicas. Em outras palavras e, ainda concordando com o autor, são os comportamentos individuais e das instituições que, pouco a pouco são alterados e, assim, influenciam-se uns aos outros até se tornarem comuns (no sentido de pertencimento).

Neste viés, toda a repercussão desse caso em um período tão curto possibilita refletir, novamente, sobre a representatividade de situações veiculadas pelas mídias. Em especial, pelos perfis de redes sociais e sites e portais de notícias. Cada qual traz um recorte que pode vir a reduzir o discurso do real histórico, apesar de tantas vezes estes ser compreendido como um retrato fiel às proporções reais dos fatos (Sodré, 2002; Silverstone, 2012). Por este ângulo, os números são acionados como indicadores significativos e valorizados como referência para, inclusive, a retroalimentação. Por exemplo, o *SentiMonitor* também relatou que foram encontradas mais de 65.500 menções em inúmeros sites de redes sociais pela internet sobre o assunto, sendo que a maioria continha palavras de apoio aos ativistas e criticava o Instituto Royal, o que é bastante expressivo em termos de uma análise do quanto o público vinculado à web parece mais afinado aos “direitos” dos animais. Tal cenário, com certeza, foi percebido pela mídia, pois, na sexta-feira, dia 19 de outubro, o assunto foi destaque nos principais jornais e portais do país. Dentre eles, destacamos *Catraca Livre*, *Estado de Minas*, *Folha de São Paulo*, *GI*, *Globo.com*, *R7*, *Terra*, *Veja*, *Yahoo*, *Zero Hora*, entre outros. Além disso, o próprio *Facebook*, que no final de 2014 dizia, em seu blog, ser acessado mensalmente por cerca de noventa e dois milhões de brasileiros, o que corresponde a 45% da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰, apresenta números relevantes, conforme levantamento feito

8 Disponível em: <http://veja.abril.com.br/ciencia/a-repercussao-online-do-caso-dos-beagles/>. Acessado em maio de 2016.

9 Publicações curtas antecedidas pelo sinal “#” que funcionam como marcadores temáticos de assuntos.

10 Conforme: <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/08/populacao-brasileira-ultrapassa-202-milhoes-de-pessoas>. Acessado em maio de 2016.

pelo SentiMonitor das cinco páginas dessa rede social que mais tiveram curtidas durante a “polêmica beagle” no período de 18 a 21 de outubro de 2013. (Figura 4).

	Autor / Fanpage		Curtidas Ou Fãs
Personalidade Pública		Luisa Mell	56.915 curtidas em um post.
Personalidade Pública		Paola Oliveira	15.228 curtidas em um post.
Fanpage Comunidade		Adote um animal resgatado do Instituto Royal	350 mil fãs da fanpage.
Fanpage Comunidade		Diga não ao Instituto Royal	12.929 fãs da fanpage.
Fanpage Comunidade		Ajude os beagles do Instituto Royal	12.929 fãs da fanpage.

Figura 4: Relações de publicações mais populares no Facebook.

Entre as páginas indicadas, vale destacar o perfil público de Luisa Mell, jornalista e apresentadora de TV considerada uma das principais influenciadores de todo esse movimento contra o laboratório Royal. A atuação dela, neste caso, não foi apenas nesse site de relacionamentos, mas também em outros meios. Ativista assumida da causa dos direitos animais, Mell esteve presente em todas as fases de desdobramento do episódio. Entre suas atividades disponibilizou em todas suas contas de redes socais e seu *blog* pessoal fotos e publicações com detalhes de todo o período de manifestação (Figura 5).



Figura 5: Post do perfil de Luisa Mell do Facebook que superou 60 mil curtidas.

Como colocam Gohn (2002) e Cammaerts (2013), personalidades públicas podem atuar como catalizadores de opiniões e, até mesmo, como porta-vozes em prol de ações coletivas na sociedade. Nesse sentido, pode-se observar no caso da “polêmica beagle” que alguns desses indivíduos¹¹ utilizaram o grau de influência cultural e de visibilidade que possuíam para incluir um assunto na pauta de várias mídias novas e das tradicionais também. Sendo que toda esta articulação acabou influenciando diretamente o processo de mediação desse assunto, ressaltando-se a experiência vivida tanto no ambiente virtual quanto nas ruas, junto ao movimento de libertação dos *beagles*. Como vimos na Figura 1 a postagem do perfil de Luisa Mell de 20 de outubro de 2013

¹¹ Neste texto representado apenas pela Luisa Mell, mas que na realidade houve outras personalidades públicas que se manifestaram a respeito desse assunto.

contou com 63 mil curtidas e teve 38.777 compartilhamentos. Esta foi a postagem que teve maior influência no *Facebook* e foi criada quando Mell comentou a reportagem do programa *Fantástico*, da Rede Globo, sobre a invasão ao Instituto Royal. Em diversos momentos, a jornalista deu depoimentos contrários às práticas de experimentação animal como eram conduzidas pelo Instituto Royal. E mesmo após o término das manifestações, a apresentadora e ativista se manteve à frente da situação, chegando a participar de uma audiência pública da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara de Deputados de São Paulo, que foi realizada no dia 29 de outubro¹², para debater as denúncias de abusos de animais nos testes científicos realizados pelo laboratório Royal.

Considerações Finais

Os sites de redes sociais se configuram como um espaço de conversação e de confronto de identidades e interesses que podem estar atrelados a diversos embates. Por isso, já é possível inferir que as mídias sociais alteraram a forma como pessoas se organizam, protestam e defendem suas opiniões. Deste modo, mesmo que o assunto de experimentação animal não tenha chegado a uma resolução de consenso, ou seja, continua havendo os que concordam com os ativistas que invadiram o Royal e outros que defendam a prática desses procedimentos em prol do progresso científico pode-se concluir que a “polêmica dos beagles” se constituiu como um episódio importante na discussão desta prática. Sendo que, muito provavelmente – apesar de não apresentarmos uma mensuração objetiva, pois este não era o foco deste texto – ele interferiu no modo como nos relacionamos com os animais, além da forma como vemos e tratamos quem faz ciência em nosso país. Tanto que o episódio conseguiu interferir na alteração na legislação vigente no país como veremos em seguida. Isto porque os acontecimentos que constituíram este episódio tiveram continuidade após a invasão e fechamento do Instituto de Pesquisa Royal. Primeiro, houve abertura de

inquéritos para apurar denúncias de maus tratos às cobaias e, depois, manifestantes e invasores reconhecidos foram indiciados pelos crimes de invasão de propriedade, depredação de patrimônio privado, receptação e furto de animais¹³.

De todo modo, vale lembrar que a preocupação com cães e animais domésticos está na pauta dos movimentos em prol dos direitos animais desde o início da década de 1970 (Demello, 2012). Ainda que mantendo o teor utilitarista neste tipo de relacionamento homem-animal, antes mesmo deste período já se considerava que as pessoas deveriam tratar diferentemente estes animais que viviam com elas, como se fosse um direito conquistado por eles (Thomas, 2010). Neste sentido, as relações estabelecidas com cães, principalmente, deveriam ser pautadas pelo afeto e altruísmo. Muito provavelmente, uma das consequências desse afeto pelos cães está na base de um sentimento de indignação em transformá-los em instrumento para experimentação científica. O mesmo, como já destacamos, não ocorre com animais como ratos e camundongos. Assim, é possível especular que talvez um dos motivos para a grande difusão do emprego de camundongos na pesquisa científica tenha se dado pela falta de atenção que os ativistas em prol dos direitos animais dedicaram a este espécime (Souza, 2015).

Criando uma ponte deste contexto com o que coloca Foucault (2014, p.8) quanto à formação discursiva, ou seja, que “as práticas discursivas” imbricam em “relações de saber” que, por sua vez, acabam por determinar as “relações de poder”, é possível avaliar que o discurso científico no episódio do “resgate dos beagles” foi, de certo modo, colocado em xeque quando surgiram boatos que sugeriram que os bichos mantidos como cobaias pelo Instituto Royal seriam vítimas de maus tratos. Neste momento e sob tal diagnóstico, aparentemente qualquer autoridade dos cientistas a este respeito perdeu seu valor, submersa sob o forte sentimento de empatia gerado por esses cães. Pode-se dizer, portanto, que a comoção de vários estratos sociais baseados no senso-comum, permitiu o surgimento de defensores bem-intencionados em prol da libertação dos animais mantidos como cobaias pela Instituição envolvida. O que se refletiu, a despeito do julgamento criminal

¹² Mais informações a respeito, estão disponíveis no da Agência da Câmara dos Deputados de São Paulo pelo: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/CIENCIA-E-TECNOLOGIA/455612-DIRETORA-DO-INSTITUTO-ROYAL-EXPLICA-O-CASO-DOS-BEAGLES-NESTA-TARDE-NA-CAMARA.html>. Acesso em 27 de setembro de 2016.

¹³ Conforme a matéria: “Invasão ao prédio do Instituto Royal em São Roque completa um ano” do portal G1 de Notícias em 18 de outubro de 2014. In: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/10/invasao-ao-predio-do-instituto-Royal-em-sao-roque-completa-um-ano.html>

ocorrido, em mudanças no aparato legal brasileiro em relação ao uso de cobaias. Uma delas em junho de 2014, quando a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei que proíbe o emprego de animais em testes laboratoriais para a produção de cosméticos no país¹⁴. O projeto, que prevê multas para quem o descumprir quando este virar lei, também impede a indústria cosmética de utilizar cobaias em testes de substâncias comprovadamente seguras para o uso humano. Foi incluída no texto do projeto uma emenda que permite à indústria cosmética realizar testes em animais apenas em casos de componentes desconhecidos. Nessas situações, os testes serão permitidos por até cinco anos. Ou seja, o “resgate dos beagles” foi um caso que não só mobilizou a opinião pública, que se expressou e manteve o tema em pauta, como também provocou mudanças na legislação brasileira.

Como coloca Boaventura de Souza Santos (2012), no mundo em que vivemos depositamos na ciência e tecnologia a responsabilidade por um futuro revolucionário sendo este desenhado como um lugar e tempo com recursos capazes de sanar preocupações no desafio de contribuir e prolongar nossa qualidade de vida, entre outras pendências que se destacam nos debates coletivos atuais. Este saber científico dá suporte ao progresso econômico e bem-estar de nações. E também se faz necessário para inúmeras decisões cotidianas e para uma melhor compreensão da realidade. Em outras palavras, há um vasto leque de controvérsias latentes no desenvolvimento da ciência e tecnologia que significam, ainda hoje, amplos debates envolvendo toda a sociedade. São assuntos que podem implicar em conhecimentos técnicos e científicos específicos, mas também tangem aspectos éticos, filosóficos e de posicionamentos de vida particulares a cada indivíduo. Nesta perspectiva, não se pode ignorar, ainda considerando o que o autor coloca, que todo conhecimento é contextual. Retirá-lo, portanto, de sua realidade traz o risco de torná-lo evasivo, com brechas que podem vir a dificultar a compreensão do assunto tratado.

Este risco, no caso do conhecimento científico não é pequeno, já que este tipo de saber é duplamente contextualizado. Por exemplo, a percepção da morte de um animal em

decorrência de um experimento científico, para a ciência, quase integralmente é traduzido como um dado que integra um conjunto de resultados. Já para o grupo de pessoas que se posiciona em termos de que todo ser vivo animal tem direitos semelhantes aos humanos, esse fato é considerado uma atrocidade. Em outras palavras, a natureza da “polêmica dos beagles”, quando surgiu, impactou duas realidades diferentes. Uma que se deu pela perspectiva da comunidade científica, que se sentiu ameaçada pelo modo como a prática de se fazer ciência no país foi questionada. E, do outro lado, inúmeras camadas sociais que nutrem afetos e possuem interesses com os animais, consideraram o crime de invasão realizado no Instituto Royal como um ato de coragem em prol dos animais. Tal impasse, para Santos (2012), só será socialmente compreensível se for adotado o posicionamento de um diálogo mais pessoal e aproximado da ciência com as demais pessoas, ao invés de uma simples distribuição de espaços de falas de modo mecânico. Por isso, é essencial que se perceba que todo conhecimento, em si, é uma prática social que consiste em dar sentido a outras práticas e a contribuir para a transformação destas. E que este pode ser um caminho para se compreender a complexidade da sociedade como uma configuração de saberes que se adequam às várias práticas sociais.

Assim são as excepcionalidades que abrem fissuras capazes de permitir discussão e possíveis revisões dos processos de naturalização da realidade cotidiana. Para Heller (1992), trata-se de um espaço traduzido pelo conceito de suspensão do cotidiano provocado, quase sempre, pela arte ou pela política. Uma interrupção, portanto, resultante de uma relativa excepcionalidade, desde que esta seja dimensionada em termos públicos e suficiente para afetar determinada parcela da sociedade que se manifesta. A nosso ver, é o que ocorreu com a “polêmica dos beagles”, dimensionada pelo envolvimento virtual e real de pessoas posicionadas sob valores e argumentações quase todas conflitantes. Já Kosic (1976) observa situações similares considerando a capacidade de desvelamento subjacente a estas. No caso do Instituto Royal houve um deslocamento dos fatos na medida em que os embates trouxeram à tona um arcabouço jurídico consolidado – e, portanto, macro-estruturante da sociedade – além das relações da ciência com a sociedade, traduzidas pelos posiciona-

¹⁴ Segundo matéria “Câmara proíbe uso de animais em testes de cosméticos” da revista *Veja* em 05 de junho de 2014. In: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/camara-proibe-uso-de-animais-em-testes-de-cosmeticos>

mento público e político de ambas, mediados pelos meios de comunicação e redes sociais.

Neste lugar, é preciso recuperar, com Bauman (2007) que a cultura é vista hoje como um esforço para manter e estabelecer a ordem e que tudo que estiver isolado, sozinho, não consegue fazer algum sentido. Para o autor, a cultura se substancia apenas dentro de uma interpretação que faça sentido à luz da continuidade da vida, ou seja, em um horizonte possível de ser delineado, mesmo que tenuamente. Esta reflexão, em cotejo ao que ocorre no universo web, ou seja, frente a assuntos que despertam a atenção de um determinado usuário, tem o potencial de virar um *post* comentado e discutido por muitos outros, quando ganha sentido. O que não significa – é preciso demarcar – que, de fato, esta publicação seja levada a uma ponderação mais profunda a respeito do que foi dito, ou de quem publicou, ou, ainda, quais seriam suas consequências, entre outros elementos que contextualizam um cenário mais amplo daquilo a que se refere. Mas também vale demarcar que este processo não é exclusivo do território web e muito menos é inerente apenas a temas relacionados à ciência. Pois, como aponta Martín-Barbero (2009), a história individual das pessoas, a cultura de seus grupos, suas relações sociais e suas capacidades cognitivas são formas de mediações que interferem na maneira como interagem com os meios de comunicação e as mensagens veiculadas. Ou seja, há um vasto caminho na trilha deste episódio que abriga, como vimos, uma teia considerável de embates que traduzem a complexidade da relação do homem com a ciência e os seres vivos. Entre outras tantas questões.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. (2007). O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar.
- CAMMAERTS, B. (2013). Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação. In Revista Matrizes (online), São Paulo, v.7, n. 2, p.13-36, jul./dez.
- CASTELLS, M. (2013). Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. (1997). Mil platôs – vol.4. São Paulo: editora 34.
- DEMELLO, M. (2012). Animals and society: an introduction to human-animal studies. New york: Columbia University Press.
- FOCAULT, M. (2014). A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- GIORGI, G. (2016). Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica. Rio de Janeiro: Rocco.
- GOHN, M. (2002). Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3ª ed. São Paulo: Loyola.
- HELLER, A. (1992). O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra.
- JENKINS, H. (2009). Cultura da Convergência. 2ª Ed. São Paulo: Aleph.
- KOSIK, K. (1976). Dialética do concreto. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2009). Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- PAIVA, R., SODRÉ, M. (2011). Informação e boato na rede. In: SILVA, Gislene el. al organizadores. Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA, Brasília: Compós, 2011.
- RECUERO, R (2009). Redes Sociais na internet. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina.
- SANTOS, B. S. (2012). Um Discurso Sobre as Ciências. 6ª ed. - São Paulo: Cortez.

SILVERSTONE, R. (2012). Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola.

SINGER, P. (2010). Liberação animal: O clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais. São Paulo: WMF Martins Fontes.

SODRÉ, M. (2002). Antropológica do Espelho – Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis: Vozes.

SOUZA, I. (2015). Animais de Pesquisa: relações de afeto e cuidado. V Reunião de antropologia da Ciência e da Tecnologia. Porto Alegre.

THOMAS, K. (2010). O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das letras.

Publicações dos autores:

TAVARES, Denise; REZENDE, Renata. Sob o risco do artifício: algumas questões sobre a produção multimídia “As quatro estações de Iracema e Dirceu”. Revista Fronteiras (Online), v.19, p.3-16, 2017.

TAVARES, Denise. Os rumores de um bairro: intervenção urbana, imaginário e celebração midiática nas fabulações documentárias sobre a Lapa. Culturas Midiáticas, v.9, p.217-232, 2016.

TAVARES, Denise; REZENDE, Renata. A grande imprensa e a produção de webdoc: a tradição documentária e as possibilidades de ruptura no ambiente online. Rizoma, v.4, p. 1-16, 2016.

TAVARES, Denise; MILLIANO, Max. Mamãe Dolores, Nice e Val: comoções (e razões) nacionais. Lumina (UFJF, Online), v.10, p. 1-18, 2016.

TAVARES, Denise. Então entra, porque continuo te vendo: ambiguidade e melancolia em La ciudad de los fotógrafos. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 42, p. 142-

149, 2015.

DANTAS, Willian. Sorria, você está no museu! Os museus de ciências e seus registros midiáticos. In TAVARES, Denise; REZENDE, Renata (Orgs). Mídia e Divulgação Científica – Desafios e Experimentos em meio à popularização da ciência. Rio de Janeiro: Ciência & Cognição, 2014.